

Prosa



Editora Literária
Prosa, N.º 1

*Lenda de Minos
e do Minotauro*

Maria Galito
2001

© Maria Galito

A Lenda de Minos e do Minotauro

A lenda invoca as longínquas margens da cidade de Tiro, onde teria vivido um certo rei Agenor, casado com a mui bela rainha Telefaassa, de cuja união nasceram três filhos varões – Cadmo, Cílix e Fénix – e uma filha que, ao crescer, ficou conhecida pela sua formosura. Quem nunca ouviu falar de Europa?

Por essa altura, Zeus, rei dos deuses e senhor supremo do Olimpo, apaixonou-se pela filha de Agenor. E tão perdidamente que resolveu assumir o risco e conquistar-lhe o amor.

Risco, porque era casado com a deusa Hera, a mais ciumenta entre as mulheres. Com mais do que razões para isso, aliás. Zeus não podia ver um rabo de saias.

E assim, com a artimanha bem planeada, o rei dos Céus desceu à terra metamorfoseado em touro; imiscuindo-se sorrateiramente entre os bovinos num curral construído ao pé da praia, na intenção de esperar pela amada.

E banhada pela luz, ela veio.

O problema é que não havia meio de Europa olhar para os touros.

Como a intenção não era passar despercebido, Zeus resolveu colocar-se numa posição privilegiada, sacudindo freneticamente os seus cornos de ouro, resplandecentes como raios de sol.

Europa e as amigas do palácio, coitadas, não conseguiam ter uma conversa de jeito com tanto mugir. Tanto que se viraram para o curral, onde descobriram um animal que teimava em não parar quieto.

Realmente era um belo touro. Talvez um tanto maluco da cabeça.

Foi então que Zeus resolveu parar de mexer as patas e inchou, erguendo o focinho para poder ser bem visto de perfil. As raparigas começaram a rir. E a aproximarem-se. Até que Europa resolveu fazer um colar de flores, para o colocar no pescoço daquele a quem já chamava, ainda que mais por gozo, o rei dos animais.

Enquanto as amigas, mais cautelosas, se resguardam a uma certa distância, Europa avançava qual hipnotizada pela graça daqueles olhos – grandes, redondos, flamejantes – senhores de um corpo firme, de pêlo muito preto.

O próprio touro parecia-lhe agora mais calmo, expectante, agitando cauda ao espetar orelhas muito atentas.

Curiosa, a rapariga perdeu o medo e acabou por lhe fazer um afago.

Para sua surpresa, o touro fechou os olhos, deliciado com a sensação das mãos da rapariga sobre o seu divino pêlo. O que provocou o riso das amigas de Europa, que já escarneciam do touro por ser manso.

Zeus aguentou os gracejos o tempo suficiente de conquistar a confiança de Europa; de sentar-se sobre as patas e seduzi-la a subir-lhe para o dorso.

Costuma dizer-se que quando a esmola é muita o pobre desconfia. Mas a rapariga nunca deve ter ouvido falar nesse ditado ou decidiu fazer-lhe pouco caso. Certo é que aceitou o convite.

Logo o curral se abriu. Europa parecia deliciada com a sua nova conquista e já se proclamava uma amazona. Então, os irmãos domavam cavalos, não era? Ela domava touros. Estava certo! Ao que encavalitada no seu belo touro, se deixou passear pela praia, ante o olhar apalermado das outras raparigas.

Até o animal resolver entrar no mar. Europa, a princípio, até achou graça, julgando que ele ia beber água, mas não levou muito tempo a perceber que ele se ia mesmo embora... a nado! Quis apear-se, mas como não conseguia, pediu socorro, apelo que de pouco serviu. As amigas não a podiam ajudar. O máximo que podiam fazer era correr ao palácio, como fizeram, para avisar o rei do sucedido.

Agenor, como parece evidente, não acreditou na história. Onde já vira semelhante disparate? Um touro levava a filha mar a dentro? Desde quando sabe um touro nadar?

Mas as raparigas, desesperadas, não desistiram até o rei convocar os filhos, para ver se recuperavam a irmã das garras do dito animal.

Acontece que a maré já levava Europa definitivamente. Ela nunca mais regressaria. Por mais que os três jovens a procurassem, nos seus barcos, a pedido do pai, jamais a encontrariam. Nem tão pouco tornariam às praias de Tiro. Cadmo fundaria a cidade de Tebas, na Beócia. Cílix a Cilícia. E Fénix, o mais famoso dos três, daria origem ao povo fenício.

Entretanto, Zeus e Europa chegaram à ilha de Creta. Saíram das águas e pisaram o areal. A rapariga, assustada e incrédula com o que lhe acabara de acontecer, só esperou que o touro parasse e a deixasse apear, para desatar a fugir. Mas como ela não fazia ideia onde estava e queria muito regressar a Tiro, escondeu-se atrás de um plátano, perto de uma fonte (de Gortina), enquanto se apercebia do que o touro ia fazer a seguir e pensava numa maneira de convencer o animal a refazer o caminho de volta.

Mas como se convence um touro, que não fala nem percebe a linguagem das pessoas?

Ele foi então ao seu encalço. Sempre que avançava, ela recuava. Até que, pelo que mais pareciam artes mágicas, Zeus revelou a sua identidade.

Uma mortal dificilmente consegue resistir ao charme possante de um Deus. Europa não foi exceção.

Para imortalizar a paixão por Europa, Zeus desenhou nos céus a constelação de Touro. O plátano, palco da primeira noite entre ambos, jamais deixou cair as folhas.

Destes amores nasceram três filhos.

Sarpédon, o mais novo, cresceu jovem problemático. Inconsequente, vibrante de energia, acabaria por ser expulso de Creta e exilado na Cilícia – terra onde se tornará rei de três gerações. Zeus garantiu-lhe a redenção.

Radamante foi o segundo dos filhos. O sucessor do próprio pai nas ilhas dos bem-aventurados, enquanto juiz dos mortos.

Minos, o primogénito, subiu ao trono da ilha após a morte de Astério - o rei que, até então, presidia o destino dos cretenses e casara com Europa depois da partida de Zeus – tendo, segundo a tradição, mandado construir o grande palácio de Cnossos. Desde cedo, ficou conhecido como um sábio legislador, que procurava aplicá-las com critério e moderação, seguindo os conselhos do próprio pai, o altíssimo Zeus, que consultava de nove em nove anos na caverna do Monte Ida – não o troiano mas o cretense.

Para rainha escolheu Pasífae, uma das filhas de Hélio (o Sol). Da união nasceram oito filhos, entre eles, Andrógeo e Ariadna.

Mas até aos melhores se lhes não reconhece perfeição. Certo dia, Minos esqueceu-se de cumprir os rituais de Posídon, o deus dos mares. Enfim, há quem diga que o fez de propósito, mas a Posídon importou apenas que o desrespeito se deu e que, portanto, a vingança deveria ser exemplar – para que mais nenhum rei ousasse repeti-lo. Ou seja, determinado a amaldiçoar o reino de Creta, resolveu enlouquecer a rainha, Pasífae. Enlouquecê-la de amores... por um touro verdadeiro.

Ninguém na ilha desconfiou do que se passava até ao dia em que Pasífae engravidou e deu à luz uma criatura estranha, metade menino, metade animal. Minos ficou tão horrorizado e envergonhado com o que viu, que não o apresentou à multidão. Ao invés, correu imediatamente ao templo para descobrir se os deuses o castigavam. Ao compreender que o mal que o apossava era uma vingança de Posídon, tomou três decisões. Perante a humilhação do adultério, livrou-se de Pasífae. Tentou apaziguar-se com o Deus dos mares, fazendo-lhe ricas oferendas. E encomendou a Dédalo, o ateniense, a construção de um emaranhado labirinto, para nele esconder para sempre o monstro recém-nascido.

Os anos foram-se, paulatinamente como a culpa. Creta nunca mais foi a mesma, apossada pelo medo. O Minotauro cresceu. Durante a noite, o seu urro medonho mas igualmente triste, é tão grotesco que parece brotar das profundezas da terra.

E se ele um dia conseguir sair do labirinto? O que será dos minóicos?

Um mensageiro chegou das terras do norte. Correu veloz do porto ao palácio, para dar a notícia directamente a Minos. Andrógeo, filho do rei, foi assassinado em Atenas. Minos ficou destroçado. A vingança da morte do seu irmão seria cruel.

Minos resolveu castigar Atenas com uma exigência, a cumprir anualmente, sem prazo de expiação. Em troca da paz, a cidade punida teria de enviar um grupo de sete rapazes e sete raparigas, jovens sacrificiais, que serviriam depois para alimentar e apaziguar o monstro que amedrontava a ilha.

Apesar do que lhe era imposto, Atenas, não teve mais que ceder.

Até ao dia em que a população de Atenas se rebelou. Perante o desespero dos seus súbditos, o rei Egeu decidiu aceitar a proposta do próprio filho, para o deixar partir de barco entre as demais vítimas sacrificiais; a ver se matava o Minotauro e acabava com o tributo que Creta lhes exigia.

Teseu de Terzena e os seus companheiros de viagem chegaram à grande ilha uns dias depois. Foi então que Ariadna, filha de Minos, conheceu Teseu. E se apaixonou por ele.

Porque não podia admitir que tão belo jovem fosse desfigurado, esventrado por uma criatura tão feia e suja como o Minotauro, e porque se queria livrar da sombra horrível daquela fera, Adriadna resolveu intervir. Encheu-se de coragem e encontrou-se com Teseu antes do cair da noite.

Teseu agradeceu-lhe a dedicação embora não percebesse como ela o poderia ajudar.

Junto à entrada do labirinto e entre as sombras criadas pela tocha acesa, Ariadna explicou-lhe como ele deveria proceder para sair vivo do labirinto. Antes de mais, colocou-lhe um machado de dois bicos numa das mãos; e na outra, um novelo de fio a desenrolar até que o Minotauro o descobrisse. Enfim, depois Teseu teria de vencer a fera. Mas se o conseguisse, pelo menos, já saberia sair do labirinto: bastaria regressar pelo caminho indicado pelo fio. Simples e engenhoso.

Antes de partir, Teseu beijou-a como forma de agradecimento; prometendo levá-la com ele para Atenas, onde se casariam e formariam uma família feliz.

Teseu cumpriu escrupulosamente os conselhos de Ariadna, não fosse o diabo tecê-las. Mas não precisou chegar ao centro do labirinto, para encontrar aquele a quem todos temiam – o Minotauro – supostamente um ser estranho, enorme e peludo, de grandes cornos de ouro e olhos selvagens. Mas não era exactamente metade homem, metade touro. Era um homem desfigurado.

Para além das semelhanças com o rei Minos, a criatura parecia respirar imundice e infelicidade. Escondido nas sombras para vergonha dos pais, sabia-se remetido à solidão e ao abandono, tendo-se tornando no animal que não era ao nascer: alguém que matava por instinto o que era lançado no labirinto; para sobreviver.

Ainda assim, um homem com uma força fora do comum. Que só não venceu Teseu por este estar armado. É que um machado sempre faz a diferença.

O filho de Minos não conseguiu resistir às lesões da lâmina. E Teseu não perdoou. Degolou-o. Arrastando a cabeça deformada pelas paredes internas do labirinto, seguiu o fio até à saída, onde Ariadna o esperava.

Minos foi imediatamente avisado pelos guardas. Pouco demorou a chegar junto de Teseu, que ostentava orgulhosamente a cabeça ensanguentada do Minotauro. Minos parece incrédulo. Respira lentamente. Muito embora, vozes de felicidade ecoem por todos os cantos do palácio. O Minotauro já não vive! O ateniense matou-o! Creta reconquistou a paz! Ninguém mais tem medo!

Mas ninguém chegou a ver a cabeça cortada. Esta foi coberta por um manto, enquanto Teseu forçava o rei a estabelecer com ele o fim dos pagamentos da sua cidade a Creta. Minos começou por recusar mas acabou por aceitar, deixando que os todos os jovens atenienses regressassem sãos e salvos a casa.

Ariadna pôde acompanhar Teseu, deixando para trás uma cidade em festa, um palácio cheio de vida e um pai destroçado. Estava vibrante de alegria, pois seguia o amor da sua vida; que não era retribuído.

Na primeira escala, na ilha de Naxos, para reabastecimento do barco que os transportava, Teseu abandona-a. Para nunca mais voltar.

Fin.